



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

CARLA BEATRIZ RODRIGUES CARDOSO

A EXPRESSÃO "QUEM DERA" COMO FORMA DE NEGAÇÃO NÃO CANÔNICA:
Uma Análise Funcionalista

ABAETETUBA-PA
2025

CARLA BEATRIZ RODRIGUES CARDOSO

**A EXPRESSÃO “QUEM DERA” COMO FORMA DE NEGAÇÃO NÃO CANÔNICA:
Uma Análise Funcionalista**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C268e Cardoso, Carla Beatriz Rodrigues.
A EXPRESSÃO "QUEM DERA" COMO FORMA DE
NEGAÇÃO NÃO CANÔNICA: Uma Análise Funcionalista / Carla
Beatriz Rodrigues Cardoso. — 2025.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Educação do
Campo, Abaetetuba, 2025.

1. Quem dera. Negação. Funcionalismo.. I. Título.

CDD 410

CARLA BEATRIZ RODRIGUES CARDOSO

**A EXPRESSÃO “QUEM DERA” COMO FORMA DE NEGAÇÃO NÃO CANÔNICA:
Uma Análise Funcionalista**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data de aprovação: 11 / 09 / 2015

Conceito: Exulente

Banca Examinadora:

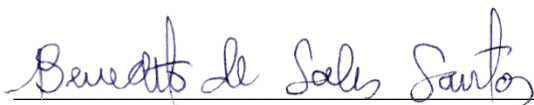


Orientador

Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

Examinador(a)

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias – UFPA



Examinador(a)

Prof. Dr. Benedito de Sales Santos – UFPA

Dedico este trabalho aos meus pais, meus maiores incentivadores na vida... *quem dera* eu conseguisse retribuir-lhes os sacrificios que muitas vezes fizeram por mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por sempre me cuidar e reanimar as minhas forças em momentos de dificuldades, sendo motivo e resposta de uma esperança que não se explica. Graças a Ele, tive saúde, discernimento e capacidade para chegar ao fim da graduação, vencendo os desafios do processo e as adversidades da vida. Agradeço também à Nossa Senhora, fiel mãe que nunca me deixou desamparada, pois sempre intercedeu em meu favor.

Aos meus pais - Benedita e Rafael – agradeço por sempre me incentivarem a trilhar os caminhos da educação e por nunca medirem esforços para que eu desfrutasse das oportunidades desse percurso. Sem vocês, nada seria possível. Vocês foram impulsos e são razões. Por isso, dedico-lhes mais esta conquista. Agradeço também aos meus irmãos, pelo carinho e ajuda – em especial à minha irmã Eloah – minha pequenina – que foi sorrisos, afetos e leveza, e tantas vezes, acalanto, sem nem saber.

Aos meus outros familiares, agradeço pelas palavras de afirmação que me fizeram acreditar que seria possível e que eu nunca estaria só. Do mesmo modo, agradeço aos meus queridos amigos, que mesmo em meio às rotinas cansativas de trabalho e de estudos, muitas vezes foram escuta, conselho e acolhimento. Vocês são essenciais em minha trajetória.

Quanto aos amigos que fiz na faculdade, agradeço ao meu grupo “*Nosso L*” pela amizade durante todos esses anos, a qual foi regada a muitas risadas e companheirismo. Quero agradecer, também, de forma especial, ao Paulo e à Aline, amigos com quem compartilhei risos, afetos e angústias, dentro e fora da universidade, e os quais tornaram o trajeto acadêmico mais leve e feliz. Foi um privilégio conviver com essas pessoas e testemunhar a formação de profissionais excepcionais que, certamente, exercerão com maestria a profissão que seguirem.

De modo carinhoso, agradeço ao meu querido professor e orientador, Robson Borges Rua, que desde o primeiro contato com a turma mostrou-se um educador humano, solícito e de notável capacidade em sua área de atuação. Que privilégio foi aprender com um profissional tão singular. Com o mesmo carinho, estendo esse agradecimento a tantos outros professores que, a cada aula, conversas e direcionamentos, tornaram-se também referências para mim.

Por fim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente cooperaram com a minha formação docente, dentro e fora do espaço acadêmico, a partir de atitudes concretas ou palavras de carinho, que sem dúvidas me ensinaram coisas valiosas. Muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa trata da análise funcionalista da expressão “*quem dera*” como uma forma de negação não canônica da Língua Portuguesa. Nesse sentido, objetiva-se apresentar e analisar tal construção, que, embora utilizada de forma constante, não está registrada em documentos oficiais do sistema linguístico. Para isso, analisou-se 5 dos 40 dados encontrados no aplicativo de mensagens *Whatsapp*, a partir dos quais se constatou que tal construção é mais comum, do que os advérbios, em contextos informais de interação comunicativa de negação. Diante disso, para fundamentar as discussões deste trabalho, inicialmente, fez-se um estudo das gramáticas de Cegalla (2008) e de Bechara (1999), a fim de apresentar e de conceituar os termos que constroem o vocábulo “*quem dera*”. A saber, define-se o “*quem*” como um pronome interrogativo e o “*dera*” como verbo conjugado na terceira, ou na primeira pessoa, do pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo. Sob essa perspectiva, o pronome é aquele que se refere a determinada pessoa do discurso, e o verbo, aquele que sinaliza a ação de transferência – concreta ou abstrata – de algo para outrem. Entretanto, quando se debate sobre o domínio de negação, essas categorias morfológicas de função previamente definidas ganham novos sentidos. Isso posto, assentou-se as discussões nos principais postulados do funcionalismo para formular explicações sobre essa mudança de significado. Assim, dentre os estudiosos que abordam sobre a temática, para Rios de Oliveira (2020), as expressões linguísticas que são muito usadas tendem a se desgastar com mais rapidez, de modo que as pessoas buscam reciclar as quais se tornam ultrapassadas, o que explica a preferência pelo “*quem dera*” em detrimento dos advérbios de negação. De modo semelhante, Rosário (2015) afirma que, em razão das necessidades comunicativas, os falantes buscam novo rótulos, no intento de satisfazer a sua criatividade e expressividade linguísticas. Assim, esses e outros teóricos, apresentados ao longo do trabalho, fornecem importantes contribuições que são fundamentais para entender o objeto de análise desta pesquisa. Logo, conclui-se que o “*quem dera*” é reflexo de um português maleável, motivado por fatores sociais e culturais, que constantemente é reconstruído pelos usuários da língua, sob justificativas diversas, entre as quais se ressalta a expressividade desses sujeitos.

Palavras-chave: Quem dera. Negação. Funcionalismo.

ABSTRACT

This study offers a functionalist analysis of the expression “*quem dera*” as a non-canonical form of negation in the Portuguese language. The primary objective is to present and examine this construction, which, although frequently employed in everyday discourse, is not officially documented in normative linguistic records. To this end, five instances out of forty, collected from the messaging application WhatsApp, were analyzed. The findings indicate that this construction appears more frequently than negative adverbs in informal contexts of communicative negation. In order to substantiate the theoretical discussions, an initial review of the grammars of Cegalla (2008) and Bechara (1999) was conducted, aiming to define and contextualize the linguistic elements that compose the expression “*quem dera*.” Specifically, “*quem*” is classified as an interrogative pronoun, while “*dera*” is a verb conjugated in either the third or first person of the pluperfect indicative tense. From a traditional grammatical perspective, the pronoun refers to a participant in the discourse, and the verb denotes an act of transfer—either concrete or abstract—from one entity to another. However, within the domain of negation, these morphosyntactic categories acquire new semantic functions. Accordingly, the discussion is grounded in the principal tenets of functionalist theory in order to explain this semantic shift. Among the scholars who address this topic, Rios de Oliveira (2020) posits that linguistic expressions subjected to frequent use tend to undergo semantic erosion more rapidly, prompting speakers to recycle or replace obsolete forms—thus accounting for the preference for “*quem dera*” over conventional negative adverbs. Similarly, Rosário (2015) asserts that communicative demands lead speakers to seek new linguistic labels as a means of fulfilling their expressive and creative intentions. These and other theorists referenced throughout the study offer critical contributions that are essential for understanding the object of analysis. It is therefore concluded that the expression “*quem dera*” reflects the malleable nature of the Portuguese language, which is constantly reshaped by its speakers in response to various sociocultural factors and motivations—chief among them, the desire for greater expressiveness.

Keywords: *Quem dera*. Negation. Functionalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	10
3. ARCABOUÇO TEÓRICO	13
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS	18
5.1. Novos rótulos.....	18
5.2. Nem pronome e nem verbo: negação	20
5.3. Um novo efeito semântico-pragmático	22
5.4. Quem dera: uma expressão de desejo.....	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

A linguagem humana é responsável por organizar cognitivamente a realidade e refletir aspectos sociais capazes de singularizar a cultura de uma sociedade. No que se refere à linguagem verbal, sabe-se que o território brasileiro compreende uma vasta diversidade de palavras, expressões e construções sintáticas. E isso acontece porque as línguas naturais estão em constante mudança e o papel que cada falante desempenha nesse processo é crucial para o surgimento de diferentes formas linguísticas que assinalam fatores socioculturais de um povo.

Tendo isso em vista, essas expressões linguísticas específicas, que são utilizadas nos atos comunicacionais, caracterizam e particularizam a fala dos sujeitos. Nesse sentido, neste artigo, realiza-se uma análise funcionalista da expressão “*quem dera*” como uma das formas de negação não canônicas utilizadas no português brasileiro, mas que não constam nos compêndios gramaticais, apesar de fazerem parte do vocabulário dos indivíduos.

Nesse contexto, a motivação para a escolha desta temática justifica-se pela ausência de registro dessa expressão nas gramáticas da língua portuguesa, as quais, ao se referirem às formas linguísticas de negação, restringem-se, muitas vezes, à classe dos advérbios. Além disso, ressalta-se que o interesse pela temática surgiu durante as aulas da disciplina Semântica e Pragmática, que deu luz às discussões linguísticas funcionalistas, apresentando a faceta de uma língua viva que se reconfigura, constantemente, a partir da intenção de seus falantes.

A partir disso, a coleta dos dados foi realizada no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, visto que esse recurso de interação virtual tende a imitar uma conversa em tempo real, já que substitui outras formas de comunicação anteriormente utilizadas, como as ligações telefônicas.

Diante desse contexto, as discussões que fundamentam este trabalho partem da perspectiva da teoria funcionalista, a qual concebe a língua como um sistema não autônomo e maleável, que sofre mudanças conforme a necessidade comunicativa dos falantes (Martelotta, 2003). Ao mesmo, também, serão realizadas análises dos constituintes da expressão “*quem dera*” – com base na perspectiva gramatical da língua.

Pretende-se, portanto, a partir da descrição da expressão “*quem dera*”, demonstrar que a expressividade presente na interação comunicacional entre sujeitos, frequentemente, ressignifica palavras e expressões presentes no cânone gramatical da Língua Portuguesa, sobretudo no que diz respeito às diferentes maneiras linguísticas que se usa para negar algo.

Logo, o presente artigo está estruturado nas seguintes seções: a primeira – após a introdução – trata da apresentação do objeto desta pesquisa, na qual se faz uma análise sobre cada constituinte linguístico que forma a expressão “*quem dera*”. Na segunda, apresentar-se-á

o arcabouço teórico com as contribuições de pesquisadores funcionalistas, bem como a de gramáticos. Na terceira, o que se apresenta são as metodologias utilizadas para esta pesquisa. Em seguida, na quarta seção – dividida também em outras partes – realizar-se-á a análise dos dados selecionados. Por fim, na última seção, discutir-se-á sobre as contribuições desse estudo para a linguística.

2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Sabe-se que o sistema linguístico do português brasileiro é agrupado, dentre outras classificações, em dez classes morfológicas de palavras, cada uma designada a desempenhar uma função dentro de um período sintático. Diante disso, está posto que, para se opor verbalmente a alguma informação linguística, deve-se utilizar a classe de palavras dos advérbios de negação, tais como: não, nunca, jamais etc.

De acordo com Cegalla (2008, p. 159), o “advérbio é uma palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio”. Esta definição assemelha-se também ao conceito registrado por Bechara (1999, p. 242), segundo o qual o advérbio “é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”.

Nesse sentido, no que concerne ao fenômeno da negação, nota-se que o sistema linguístico (representado pelas gramáticas supracitadas) prevê unicamente a utilização da classe dos advérbios sempre que for necessário rejeitar algo por meio da linguagem verbal. Contudo, ao analisar as múltiplas facetas da língua, é possível perceber que existem outras maneiras de “dizer não”, sem se restringir a tal grupo de palavras.

Nesse contexto, apresenta-se a expressão “*quem dera*” – objeto desta pesquisa – como uma construção presente no português brasileiro, que sinaliza o fenômeno da negação. Assim sendo, para entender como essa formulação pode indicar negação, é necessário compreender, primeiramente, o que o funcionalismo postula sobre essas variedades, as quais são resultados das modificações inerentes às línguas naturais.

Nesse viés, para a corrente funcionalista, a língua não é rígida, uma vez que é modelada pelos próprios falantes. Segundo Martelotta e Areas, (2003), a língua é um sistema não autônomo, sendo uma estrutura maleável que recebe influências de fatores externos e, em razão disso, tende a sofrer mudanças em suas funções gramaticais.

Sob tal perspectiva, dentre os fatores que motivam essa variação, pode-se destacar a expressividade dos falantes, que, no intento de se adequar ao objetivo comunicativo que se

pretende atingir, [re]constrói a significação das palavras e de frases nos processos de locução e interlocução (Martelotta, 2008).

Originalmente, pode-se definir o “*quem dera*” como uma expressão idiomática que exprime o desejo de alcançar ou obter alguma coisa. Na literatura, por exemplo, são encontrados registros de canções populares que sinalizam para a exteriorização de um desejo. No entanto, para além dessa funcionalidade, ao analisar a linguagem, de alguns falantes, em contextos menos monitorados, identifica-se também que tal expressão é utilizada em situações de negação.

Abaixo, tem-se um exemplo de como isso se desenvolve:



Fonte: acervo pessoal (2025)

No dado acima, o que se apresenta é uma conversa em um grupo de *WhatsApp*, em que a negação é referente à frase afirmativa “*ele é rico*”. Embora um dos falantes tenha respondido apenas “*quem dera*”, é possível identificar, pela circunstância, que se trata de uma situação de negação, apesar da inexistência de advérbio.

Isso se explica porque ao responder “*quem dera*” para a afirmação “*ele é rico*”, que traz como motivação a dúvida de dispor ou não de um determinado documento de benefício social, o falante nega tal afirmativa na medida em que manifesta o desejo de possuir, de fato, muito dinheiro. Assim, para entender contextos comunicativas como esse, é preciso compreender que,

muitas vezes, a fala natural – e menos monitorada – extrapola aquilo que foi claramente dito e estabelece relações que envolvem os sentidos implícitos (Ferrarezi Jr., 2008).

Sob esse prisma, no que concerne à composição da construção linguística “*quem dera*”, destaca-se a presença de um pronome interrogativo (quem) e de um verbo (dar) flexionado no pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo. De acordo com a classificação presente na *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, Cegalla (2008, p. 179) define os pronomes como “palavras que substituem os substantivos ou os determinam, indicando a pessoa do discurso”.

Por sua vez, na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (2009, p. 195) define os pronomes como uma classe gramatical que engloba “unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”. Restringindo um pouco mais a discussão, considerando-se, especificamente, as definições de pronome interrogativo, os dois autores supracitados definem de forma semelhante esta classe como palavras que se referem, de modo vago, à terceira pessoa do discurso.

Ressalta-se, ainda, uma observação realizada por Bechara (2009, p. 2004) a respeito das diferentes maneiras que o pronome *quem* pode se apresentar:

Interrogação indireta é a pergunta que: a) se faz indiretamente e para a qual não se pede resposta imediata; b) é proferida com entoação normal descendente; c) não termina por ponto de interrogação; d) vem depois de verbo que exprime interrogação ou incerteza (perguntar, indagar, não saber, ignorar, etc.).

Essa abordagem realizada por Bechara elucidada uma questão importante sobre a indefinição do pronome *quem* – parte constitutiva da expressão linguística objeto deste artigo. Ao mencionar que a *Interrogação Indireta* não necessariamente finaliza com ponto de interrogação e nem exige uma resposta imediata à pergunta que se fez, pode-se tentar estabelecer uma relação com o contexto de negação que aqui se pretende chegar.

No entanto, na expressão “*quem dera*” não se tem mais a preservação da função original do pronome. Ao utilizá-la, o falante não se refere à pessoa do discurso, tampouco idealiza uma pergunta, direta ou indiretamente, esperando uma resposta àquilo que foi mencionado na interação comunicativa; ele apenas diz, evidenciando um vocabulário internalizado cognitivamente.

Desse modo, o “*quem dera*” apresenta-se sob um novo conceito semântico que considera o todo e não apenas as partes que o compõem, afastando-se, assim, das definições gramaticais engessadas na língua. Dessa maneira, para entender como isso funciona na prática, é necessário analisar, sob a perspectiva do funcionalismo, as motivações dessa mudança.

3. ARCABOUÇO TEÓRICO

As línguas naturais estão constantemente evoluindo porque recebem influências diretas da sociedade em que se desenvolvem. Sob essa lógica, o falante tem o poder de modificar a língua que utiliza à medida que interage socialmente com os seus pares. Essas mudanças nem sempre ocorrem de forma planejada – é um processo que se desenvolve naturalmente e passa a influir sobre os usuários da língua sem que eles percebam.

Para entender essas transformações, é necessário basear-se em estudos linguísticos que pesquisam sobre essas modificações e reconhecem-nas como parte indissociável do que se define como língua. Assim, para fundamentar as discussões deste trabalho, serão utilizados os principais postulados funcionalistas e os conceitos de reciclagem e de perda de composicionalidade, a partir das contribuições de diferentes estudiosos.

Nesse sentido, o funcionalismo é uma corrente teórica desenvolvida pelos membros do trabalho do Círculo Linguístico de Praga¹, o qual passou a considerar as funções da língua, prevendo a relação entre estrutura e função, entendendo-se a sua utilização para um fim determinado e ampliando a discussão de língua apenas como um sistema estável e livre de interferências externas, tal como proposta por Saussure²(Martelotta; Areas, 2003).

Sob esse viés, diferente do que foi proposto por Saussure, que concebia a língua como um sistema autônomo de dependências estruturais internas, para os estudiosos de Praga, a língua é um sistema não autônomo, cuja utilização é motivada por objetivos comunicativos externos a ela (Martelotta; Areas, 2003). Esses linguistas questionaram a exclusão dos usos pragmáticos da língua, pois reconheciam a importância dos sentidos construídos socialmente (Rosário, 2015).

A corrente funcionalista passou também a dialogar com a Linguística Cognitiva a partir da segunda década do século XXI (Rosário, 2022). Isso porque a linguística cognitiva considera fundamental analisar o uso da língua para entender a natureza da linguagem, além de considerar a capacidade criativa dos falantes em adequar as estruturas linguísticas às diferentes situações comunicativas. Assim, para os linguistas cognitivos, a significação é construída no contexto, resultante dos padrões criados culturalmente (Martelotta, 2008).

¹ Círculo Linguístico de Praga ou Escola de Praga foi um movimento ocorrido entre 1929 e 1945, que reuniu intelectuais literários e linguistas, na cidade de Praga, e culminou na elaboração de novos paradigmas para os estudos linguísticos e literários.

² Precursor das Teorias Estruturalistas, é considerado o pai da Linguística por ter fornecido importantes contribuições para a área de estudo e contribuído para o seu reconhecimento como ciência.

Nesse panorama, diante das discussões ancoradas no funcionalismo, é possível reunir justificativas que comprovam que as línguas naturais estão em constante evolução, uma vez que o próprio falante ressignifica palavras e expressões com o intuito de alcançar objetivos comunicativos predefinidos. Tal fato é previsto por Fontaine (1978 *apud* Martelotta; Areas, 2003), ao conceber que a intenção do locutor é o que se expressa como a explicação mais relevante para a análise linguística, determinando o discurso.

De maneira semelhante, segundo Rosário (2022), o conhecimento linguístico é representado por construções interligadas, as quais se associam de modo dinâmico. Para o professor, as expressões idiomáticas, por exemplo, muitas vezes não podem ser explicadas por critérios semânticos ou sintáticos regulares. Essa justificativa pode servir de base para analisar a expressão “*quem dera*”, apresentada inicialmente, que apesar de englobar elementos linguísticos que apresentem suas definições delimitadas, extrapola o significado que está previsto no sistema interno da língua.

Tal fato acontece porque essa enunciação, aplicada a um contexto de negação, ressignifica a sua semântica original. Conforme Rios de Oliveira (2020), a mudança linguística pode atingir as classes gramaticais, transformando a estrutura ao realizar um percurso que sai do concreto para o abstrato. A este fenômeno, a linguista chama de reciclagem – um processo linguístico por meio do qual as palavras já existentes na língua são readaptadas a novos contextos e assumem novos significados, como afirma em:

tal como na vida cotidiana, o que usamos muito se desgasta muito também, se desbota, perde o viço inicial, assim, precisamos reciclar o antigo, reutilizar o velho, dando-lhe novo aproveitamento. Então, no uso linguístico, ao lado de *muito animada* e *animadíssima*, as pessoas convencionalizam *para lá de animada*, que intensifica mais ainda a animação, uma vez que o estado de animado é colocado num espaço mais distante e difuso”. (Rios de Oliveira, 2020, p. 4).

Essa compreensão elucidada por Rios de Oliveira (2020) relaciona-se à concepção de Rosário (2015) em relação à busca por novos rótulos a partir de termos que já existem, mas foram desgastados pelo uso. Nesse sentido, o que se destaca é a expressividade e a criatividade do falante, de modo que é possível inferir que essa necessidade de reciclagem linguística, retirando as palavras de sua significação originária, é o que atribui à língua uma nova roupagem, utilizada para atender as diferentes intenções de comunicação e em diferentes situações.

Nesse panorama, esses novos rótulos são decorrentes de aspectos culturais e sociais que singularizam as características linguísticas de uma determinada comunidade de falantes. Para Martelotta e Areas (2003, p. 25), “o falante não inventa arbitrariamente sequências novas de

sons, mas tende fortemente a utilizar material já existente na língua”. Sob tal perspectiva, o que ocorre é um novo arranjo semântico, determinado pela negociação de sentidos que ocorre, naturalmente, entre falante e ouvinte no momento das interações dialógicas.

Considerando-se, assim, a expressão “*quem dera*”, deduz-se que para os falantes do português brasileiro, a utilização de um advérbio de negação, em algum momento, enfraqueceu a sua capacidade de expressar, efetivamente, toda a intensidade objetivada por esses sujeitos, de tal maneira que foi preciso recrutar termos já existentes na língua, atribuindo-lhes novos significados – neste caso, a negação. A respeito dessa lógica, para Ferrarezi Jr. (2008, p. 185),

a negação, nas línguas naturais, vai muito além da utilização de advérbios de negação como “não”, “nunca” e “jamais”. Existem formas de negar mais sutis ou mais grosseiras, utilizadas em situações sociais diferentes, que se prestam a diferentes propósitos. Essas formas incluem o uso de pedacinhos de palavras com sentido de negação, palavras com sentido de negação como certos verbos e certos pronomes, a ironia, certos tipos de afirmação, certos tipos de exagero ou mesmo um silêncio, que acabam significando que estamos negando algo.

Sob esse prisma, ao legitimar que a negação, nas línguas naturais, desenvolve-se pela utilização de formas gramaticais como verbos e pronomes, abre-se margem para discutir o “*quem dera*” como uma interjeição do domínio funcional de negação que se constitui por tais classes de palavras, mas tem o seu significado reconstruído na relação de comunicação verbal entre sujeitos que partilham, cognitivamente, conhecimentos linguísticos comuns.

Nessa circunstância, cabe discutir as raízes de significação dos constituintes da construção “*quem dera*”. Para tanto, antes de avançar nas discussões, é imprescindível destacar que no dicionário consultado para a elaboração deste estudo, não se encontrou registros da definição da expressão como um todo, apenas as explicações para cada um dos termos – *quem* e *dera* – separadamente. Destarte, assim como já mencionado anteriormente, o *quem* é classificado como um pronome interrogativo e o *dera*, como um verbo que exprime ação.

Todavia, ao se voltar para o aspecto pragmático desta expressão, identifica-se que ambos os termos, na enunciação “*quem dera*”, afastam-se dos papéis morfológicos e sintáticos a que se prestam e assumem novos rumos: em situações comunicativas menos monitoradas, eles passam a substituir os advérbios de negação. Assim, o que a acontece é uma perda de composicionalidade. Nesse interim, Silva e Bispo (2021, p. 135) discutem que

A composicionalidade está relacionada ao grau de transparência entre forma e significado, isto é, à convergência [...] que uma determinada forma sintática, a partir de suas partes constituintes, permite a depreensão de um significado. Quando essa

convergência não se realiza [...], não há correlação entre o significado das unidades particulares e o significado do todo.

De acordo com essa definição, a composicionalidade configura-se quando uma estrutura sintática, que mesmo quando analisada pelo todo, ainda preserva o sentido original das partes que a integram; por outro lado, quando, em uma forma sintática, os significados primitivos das partes tornam-se opacos, tem-se o que se denomina de perda de composicionalidade (Silva; Bispo, 2021). Seguindo essa concepção, no que diz respeito à forma linguística “*quem dera*”, tanto o pronome e quanto o verbo perdem as suas atribuições morfológicas e sintáticas.

Nesse caso, o *quem* já não mais atua como um pronome interrogativo, uma vez que não é utilizado em uma pergunta, e o *dera* já não é mais verbo. Em relação a este último, no entanto, deve-se fazer algumas observações, seguindo as definições retiradas do Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2013):

(1) *dar* é um verbo que pode indicar uma ação concreta de colocar algo na posse de alguém;

(2) *dar* é um verbo que pode indicar uma ação abstrata de conferir a alguém um caráter novo.

Levando em consideração as referidas conceituações, pode-se acusar que na composição semântica do “*quem dera*”, o verbo *dar* comporta ligeiramente os resquícios de seu sentido canônico, uma vez que o indivíduo, ao utilizar essa linguagem expressiva, negando uma sentença qualquer, simultaneamente também revela a vontade de receber ou ter recebido aquilo a que se está contrariando, o que revela traços de uma ação, material ou não. Independente disso, o que se apresenta é um novo rótulo mais expressivo (Rosário, 2020) que se modela pela atividade linguística em uso.

Logo, é possível falar de *gramaticalização* – que segundo a visão funcionalista, é um processo que regulariza o uso da língua, estando associado à variação e à mudança que nela ocorrem. Sob esse olhar, discute-se a impermanência do sistema linguístico que constantemente é modificado por novos arranjos vocabulares (Cunha; Costa; Cezario, 2003) demonstrado que até mesmo a gramática da língua pode ser emergente (Givón, 1995).

Dessa forma, os falantes internalizam uma nova estrutura gramatical, que se justifica por uma língua natural, expressiva e mutável (Cunha; Costa; Cezario, 2003), que não é

autônoma já que varia em razão das interferências do meio externo. Assim, o termo “*quem dera*” como locução funcional de negação só pode ser compreendido se os falantes partilharem conhecimentos linguísticos comuns que silenciosamente justificarão a utilização de algumas formulações pragmáticas em detrimento de outras mais convencionais.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado inicialmente, este estudo visa analisar como a expressão “*quem dera*” materializa-se em cenários enunciativos de negação, assim como reconfigura a gramática da língua e se apresenta como uma nova proposta de ordem pragmática.

A motivação para a escolha desta temática surgiu na disciplina Semântica e Pragmática, a partir da qual foi possível visualizar a língua sob uma nova perspectiva: a do uso pragmático. Essa nova abordagem fez reconhecer o universo linguístico, verdadeiramente, como um reflexo das relações sociais e culturais, permeado pela originalidade de um português que não se esgota na prescrição de regras, porque não se fecha em si mesmo, mas é permanentemente modificado.

A partir disso, passou-se a analisar o uso linguístico na interação real entre os falantes até se identificar que ainda existem muitos termos e expressões utilizados frequentemente, mas que ainda não haviam sido objetos de uma investigação científica, como a construção “*quem dera*”. Nesse ato de observação, este objeto chamou a atenção em razão de que esse recurso utilizado para negação nada se relaciona com os advérbios de negação e ainda assim se legitima como tal, em uma nova configuração semântico-pragmática.

Diante disso, para o desenvolvimento da pesquisa, inicialmente, efetuou-se um levantamento de dados no aplicativo de mensagens *WhatsApp*, com o intuito de recrutar as informações que apontavam para a forma “*quem dera*” como um fenômeno de negação. Similarmente, realizou-se buscas em outras redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook*, mas não se encontrou indícios do referido objeto, tendo sido concluindo que ele opera mais em trocas virtuais intimistas do que em interações digitais mais amplas.

De tal modo, a escolha do *corpus* para a pesquisa é justificada pelo fato de que o *WhatsApp* é o aplicativo virtual que mais se aproxima de uma conversa real, visto que é utilizado rotineiramente pelas pessoas, substituindo, na maioria das vezes, as outras formas de comunicação que antecederam a sua existência, como a ligação telefônica.

Além disso, ressalta-se que os dados selecionados foram extraídos de conversas realizadas em grupos, mesmo que pequenos, e não em conversas privadas entre duas pessoas,

a fim de garantir a imparcialidade das informações aqui estudadas. Nesse sentido, a coleta iniciou no dia 09 de abril de 2025 e finalizou em 04 de junho do mesmo ano.

No primeiro momento, essa coleta resumiu-se ao recrutamento de todas as ocorrências do “*quem dera*”. Após esse primeiro passo, enquanto se realizava a análise dos dados, foi possível identificar que nem todas as circunstâncias eram de negação: algumas apontavam unicamente para a manifestação de um desejo.

No total, foram encontradas 40 ocorrências do “*quem dera*” indicando o domínio da negação e 4 ocorrências da expressão como a exteriorização de um querer pessoal. Em seguida, avançou-se para uma pesquisa bibliográfica, uma vez que foram pesquisados, em ambientes digitais, materiais sobre o funcionalismo, com o objetivo de compreender a temática e fundamentar as explicações acerca dessas mudanças e de suas possíveis motivações (Marconi; Lakatos, 2001).

Assim, durante a investigação, foram recrutadas produções escritas de alguns dos principais estudiosos da corrente linguística funcionalista; e além desses aportes teóricos, que se constituem por livros publicados, foram usados alguns trabalhos acadêmicos de conclusão de curso, os quais desenvolvem discussões semelhantes a qual se propõe com este trabalho.

Por essa razão, esta pesquisa também pode ser classificada como qualitativa, tendo em vista que, a partir das leituras dos materiais selecionados, pode-se interpretar o fenômeno semântico, relacionar a teoria ao objeto de estudo, legitimando-o no funcionalismo, com o fito de comprovar por que o “*quem dera*” atua como negação ao considerar elementos como o meio social, a cultura e a expressividade do falante.

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DE DADOS

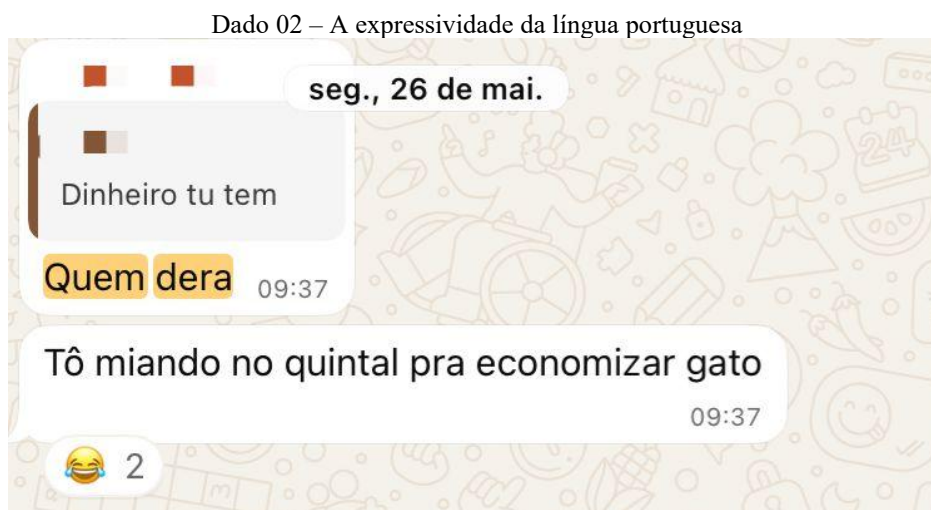
Nesta seção, apresentar-se-ão quatro dos cinco dados selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa, o quais se dividem em três situações em que o “*quem dera*” atua como negação e uma ocorrência sendo utilizada em uma interação que manifesta desejo. Logo, as discussões baseiam-se no aporte teórico apresentado anteriormente.

Assim, para facilitar a compreensão de como a interjeição “*quem dera*” se enquadra no domínio da negação, foram elaboradas quatro subseções de análises que relacionam às perspectivas gramaticais e funcionalistas discutidas desde o início deste trabalho.

5.1. Novos rótulos

Diante do que foi exposto, compreende-se que a expressividade dos falantes modifica e cria diferentes efeitos semântico-pragmáticos na língua, e, por conseguinte, cria outros rótulos. Isso se explica a partir das premissas do funcionalismo que entende que o falante nativo de língua portuguesa se comporta de maneira altamente expressiva e, por isso, procura sempre novas maneiras linguísticas para satisfazer suas necessidades comunicativas.

Tal premissa materializa-se em Rosário (2015), quando o autor afirma que existe uma instabilidade constante na relação entre estrutura e função das línguas humanas, fortemente influenciada por fatores extralinguísticos, como o contexto social e cultural, o papel dos interlocutores durante a comunicação e o processamento mental que ocorre durante essa variação, tal como na interação que se desenvolve abaixo:



Fonte: acervo pessoal (2025)

Na interação comunicativa registrada no dado acima, identifica-se a habilidade singular que os falantes desempenham no manuseio do português como língua materna. Certamente, se alçada a outros falantes não nativos, essa comunicação poderia não ser efetiva, tendo em vista que é preciso localizar-se culturalmente para compreender esses acordos quase que silenciosos, entre locutores, de uso das variedades linguísticas do português brasileiro.

Por outro lado, para o usuário da língua que habitualmente tem contato com essas mudanças semânticas, não haveria grandes barreiras de compreensão. Nesse sentido, no exemplo que acima foi apresentado, a utilização do “*quem dera*” é uma resposta que se opõe à afirmativa “*dinheiro tu tem*”. Logo, ao responder “*quem dera*”, o falante nega o que havia sido dito anteriormente e expressa, na mesma proporção, o anseio de possuir dinheiro.

Quando Ferrarezi Jr. (2008) afirma que as maneiras de “falar não” se alternam entre diferentes graus de intensidade, podendo ser mais ou menos expressivas, depreende-se que no

contexto em que se dá a interação linguística acima, o locutor buscou formas de expressar que não possuía nenhum dinheiro, mas, muito mais que isso, buscou também externalizar a sua vontade de possuir, de tal modo que a negação se estende para um outro contexto: a metáfora.

Em função disso, sabendo que as mudanças funcionais da língua são motivadas pelos contextos da enunciação, é interessante destacar também a expressão “*tô miando no quintal pra economizar gato*”, como uma forma metafórica – e expressiva – que o falante encontrou para dizer que a situação está tão difícil a ponto de precisar economizar ao máximo. Essa construção sintática – embora dispensável – coaduna-se ao “*quem dera*” e confirma uma circunstância de negação.

Destarte, o “*quem dera*”, de fato, é um novo rótulo dentro do domínio funcional de negação, já que o falante reutiliza termos e expressões já existentes na língua, como o *quem* e o *dera*, e atribui-lhes novos significados, como uma forma de renovar as estruturas vocabulares já desgastados pelo uso (Rios de Oliveira, 2020).

5.2. Nem pronome e nem verbo: negação

Ao analisar cada parte que constitui o objeto desta pesquisa, é possível identificar a presença de um pronome e de um verbo: *quem* e *dera*, respectivamente. Como já mencionado no início desse trabalho, nas definições encontradas em Cegalla (2008) e em Bechara (1999) o pronome é, em linhas gerais, um elemento linguístico que se refere ou substitui a pessoa localizada no discurso, identificada, geralmente, por um substantivo; e há também as classificações específicas dos diferentes pronomes, como os pessoais, interrogativos, indefinidos, demonstrativos etc.

Nesta pesquisa, deter-se-á aos pronomes interrogativos – especificamente o *quem*. Pautando-se, novamente, nas gramáticas de Cegalla (2008) e de Bechara (1999), pode-se definir os pronomes interrogativos como elementos presentes em frases interrogativas que se referem, de maneira imprecisa ou não, direta ou indiretamente, à terceira pessoa do discurso.

Nessa conjuntura, um aspecto interessante a ser analisado é que em Bechara (1999, p. 144) cita-se a ocorrência desses pronomes também em perguntas indiretas, isto é, aquelas que se apresentam sem o ponto gráfico de interrogação, como em “*quero saber quem veio aqui*”. Embora o autor mencione que esta construção interrogativa não espera uma resposta imediata, ele também destaca que esse pronome geralmente vem após um verbo que exprime incertezas.

Já no que se refere ao segundo constituinte linguístico da expressão “*quem dera*”, identifica-se a presença de um verbo (*dar*) conjugado na primeira ou na terceira pessoa, do

tempo verbal pretérito mais-que-perfeito, do modo indicativo. O pretérito, por sua vez, refere-se a ações anteriores e perfeitamente concluídas em relação ao momento do discurso, enquanto o indicativo define-se por ser um modo verbal que indica certeza dos fatos (Cegalla, 2008).

Avançando ainda mais essa análise, segundo a definição encontrada no Grande Dicionário da Língua Portuguesa (2013), *dar* é um verbo transitivo que pode significar “*colocar (algo) na posse de alguém*”; *entregar*; *transferir*; *entregar (algo) como presente*; *oferecer*; *conceder*, *administrar*; *ministrar*” (Grande Dicionário da Língua Portuguesa, 2013, p. 2671), ou seja, é um verbo que se define por indicar ações mais ou menos concretas de transferência/concessão de algo a alguém.

Todavia, quando se fala do domínio funcional de negação sinalizado pela construção “*quem dera*”, já não se faz mais referência a essas definições canônicas oferecidas pela gramática, não de forma precisa. Pelo contrário, ao proferir tal expressão, o falante concentra-se no objetivo da enunciação, que não mais se cristaliza na origem gramatical. Isso pode ser exemplificado no seguinte diálogo:



Fonte: acervo pessoal (2025)

Na imagem acima, o falante 1 inicia a conversa com a pergunta “*tu escreveu mais coisas?*”, ao que o falante 2 responde “*quem dera, vou tentar escrever amanhã*”. Nesse diálogo, embora não haja a presença de qualquer advérbio de negação, o falante nativo de língua portuguesa, sobretudo aquele que participa da interação, compreende que a expressão “*quem dera*”, nesse contexto, sinaliza uma resposta negativa, como se estivesse respondendo “*não escrevi*”, na medida em que aponta, também, para um possível desejo de já ter realizado tal ação.

Ademais, ao analisar a mesma resposta, pode-se perceber que o *quem* não atua como um pronome interrogativo, nem por meio de pergunta direta e nem por meio de pergunta indireta, uma vez que o falante não espera qualquer resposta a sua fala. De modo semelhante, o *dera* perde a sua significação original, pois não mais expressa ação de concessão ou de transposição de alguma coisa, e sim o desejo de já ter realizado a ação de escrever.

De todo modo, o *quem* já não é mais só pronome e o *dera* já não é mais verbo, visto que não há, neste último caso, o oferecimento de algo para outra pessoa. Logo, o que se observa é que os dois elementos linguísticos perdem o seu significado original e assumem um novo sentido a partir do contexto em que estão inseridos.

Este fenômeno é denominado por Rios de Oliveira (2020) de reciclagem – processo em que o falante produz novos sentidos para palavras já existentes na língua. Assim, o “*quem dera*” atua como negação porque o falante faz uma única leitura e encontra o indicativo de negação, de tal forma que não mais considera separadamente cada parte vocabular presente no termo.

5.3. Um novo efeito semântico-pragmático

Considerando o que se discutiu anteriormente, entende-se que o usuário da língua nem sempre cria um termo original para apresentar o seu ponto de vista, pois muitas vezes ele apenas recria o que já está registrado nela – realizando, desse modo, uma reciclagem linguística. Essa mudança, motivada pela expressividade e por fatores externos à língua, modifica, também, a composição estrutural das construções sintáticas (Rios de Oliveira, 2020).

Nesse viés, como já discutido anteriormente, a expressão “*quem dera*” – objeto desta pesquisa – composta por um pronome e um verbo, nessa ordem, sinaliza um contexto de negação que até então deveria ser representado exclusivamente pelo uso de advérbios. Sob tal perspectiva, o que se tem é um novo efeito semântico-pragmático no valor de negação, determinado pela influência do próprio enunciador da língua, que no intento de tornar concreta a sua expressividade, modifica os significados predeterminados, como no exemplo abaixo:

Dado 04 – O *quem dera* como um novo arranjo pragmático



Fonte: acervo pessoal (2025)

No dado acima, novamente, tem-se a ocorrência do “*quem dera*” como indicação de negação, assim como nos demais exemplos apresentados até aqui. Nesse sentido, o que se evidencia, nessa conversa, é uma negação à afirmação do possuir, em excesso, um valor monetário, que no diálogo é proferido metaforicamente como “*tudo estribado de bolsa*” que, em termos de Brasil, pode ser definido como uma construção informal para se referir a quem possui bens financeiros de forma quantitativa.

Ainda sobre a conversa, vale destacar também a informação que dá início ao trecho desse diálogo – a mensagem “*pelo que vejo vcs tão bem na foto*”, que denota uma expressão informal para fazer alusão a alguém que causa boa impressão ou se sai bem em uma situação. Mais uma vez, o que se concretiza é a expressividade de um português que por vezes não está registrado no sistema linguístico, mesmo que seja frequentemente utilizado pelos falantes.

Realizada a análise sobre a conversa informal de *WhatsApp*, que acima se apresenta, concluiu-se que: (1) alguém afirma que outrem está em uma situação favorável que inclui a condição financeira e (2) tal declaração é refutada logo em seguida. Mesmo assim, curiosamente, em nenhuma das mensagens, utilizou-se advérbios de negação para negar e nem se fez menção explícita ao substantivo *dinheiro* para demarcar o eixo temático do diálogo.

Apesar de tais considerações, esse novo modelo semântico de ordem pragmática não deixa de ser compreendido por falantes que estão postos em um universo comum de linguagem, e a prova disso é que a conversa flui naturalmente sem que nenhum dos envolvidos interrompa o fluxo da interação para fazer qualquer tipo de pergunta sobre a seleção vocabular utilizada.

Assim, tais construções sintáticas que se destacam como uma nova configuração de uso semântico-pragmático são resultantes da seleção, pelo falante, do “*quem dera*” como negação, visto que talvez a utilização de um único advérbio, ainda que com a mesma semântica, não conseguisse manter a criatividade que se desencadeava na atividade linguística em questão.

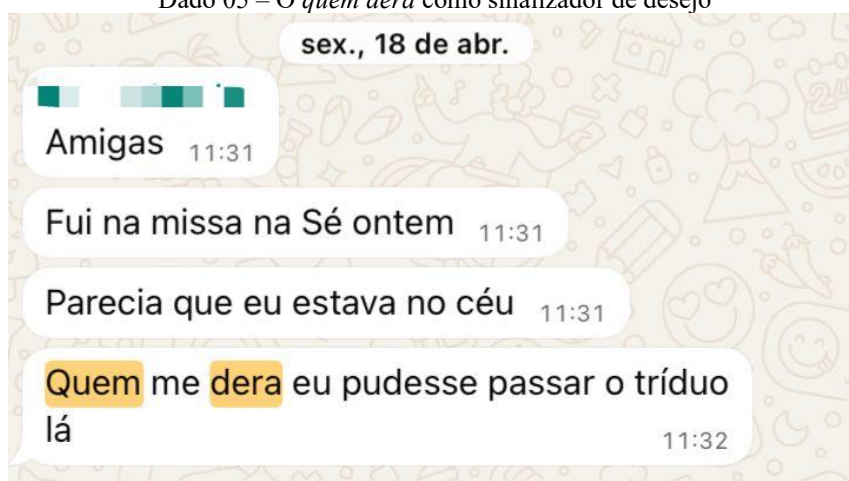
Por fim, o que se materializa é a comprovação de que as línguas naturais, principalmente a comunidade de falantes do português nacional, é rica em habilidades criativas que se modelam pela necessidade de se atingir, por meio da linguagem, novas formas de se manifestar verbalmente.

5.4. Quem dera: uma expressão de desejo

Até esta subseção, apresentou-se dados que comprovavam que a construção “*quem dera*” aponta para o domínio de negação, a qual se adapta aos usos linguísticos distintos modelados pela intenção do emissor. Todavia, a partir das pesquisas realizadas, detectou-se que esse novo arranjo, que transcende as definições gramaticais de pronome e verbo, também pode ser encontrado em situações que visam unicamente expressar desejo.

Sob essa ótica, nesta nova esfera semântica, o *quem* ainda apresenta a perda de sua função de pronome interrogativo, mas o *dera* já não mais pertence ao modo indicativo do pretérito mais-que-perfeito. Agora, ele se desloca para o modo subjuntivo – exprimindo fatos hipotéticos ou incertos – do pretérito imperfeito, como na situação abaixo:

Dado 05 – O *quem dera* como sinalizador de desejo



Fonte: acervo pessoal (2025)

Neste último exemplo, o “*quem dera*” não se apresenta como uma construção que se opõe linguisticamente a alguma sentença. Pelo contrário, no diálogo que se segue, o locutor apenas revela o desejo de participar de uma celebração religiosa em um local específico, não realizando, dessa forma, qualquer referência ao fenômeno da negação.

Nesse dado, observa-se uma nova ordenação semântico-pragmática pela presença de um pronome oblíquo (*me*) entre as duas outras partículas linguísticas que até aqui foram enfatizadas.

A saber, os pronomes oblíquos são uma subcategoria dos pronomes pessoais, que, segundo Cegalla (2008), de modo geral, referem-se ao sujeito da oração, assim como se identifica no exemplo acima, no qual o pronome faz referência ao próprio locutor da enunciação.

Assim, mais uma vez comprova-se os princípios funcionalistas de que o significado não está somente na forma, o significado está no contexto semântico-pragmático que é construído socialmente na interação entre os falantes, emergente da heterogeneidade cultural e linguística.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, essa pesquisa contribuiu para os estudos linguísticos funcionalistas, uma vez que apresentou uma nova expressão pragmática de negação – o “*quem dera*” – sobre a qual nada ou pouco se tem registrado na área do referido estudo. Isso se tornou possível quando, ao observar a língua em uso, identificou-se a presença dessas e de outras expressões que os sujeitos utilizam para negar, geralmente mais expressivas que os vocábulos adverbiais.

Logo, a partir do levantamento de dados das ocorrências do “*quem dera*”, foi possível concluir que tal escolha lexical é mais recorrente em contextos informais de negação do que os próprios advérbios. A partir dessa observação, apoiando-se em trabalhos produzidos à luz do funcionalismo, comprovou-se que a classe de advérbios, muitas vezes, torna-se insuficiente para atender à comunicação, em razão da expressividade dos falantes, que, constantemente e inconscientemente, atribuem novos significados àquilo que já existe na língua.

E para compreender como o “*quem dera*” sinaliza uma semântica de recusa, realizou-se, inicialmente, uma análise das gramáticas de Cegalla (2008) e de Bechara (1999), as quais foram base para descrever os elementos constitutivo de tal construção. Definindo-se, assim, o “*quem*” como um pronome interrogativo e o “*dera*” como um verbo, conjugado na primeira ou na terceira pessoa do pretérito mais-que-perfeito, percebeu-se que ambos os termos, enquanto integrantes da estrutura “*quem dera*”, perdem o seu significado original.

Tal premissa se comprovou porque cada um desses constituintes recebem uma função que inicialmente era atribuída aos advérbios: a de negação. Acerca dessa lógica, o que se evidenciou foi a perda de composicionalidade das categorias mencionadas, visto que no domínio funcional de recusa, o “*quem*” já não comporta mais qualquer referência à pessoa do discurso, como também o “*dera*” não faz mais menção à ação de transferência de alguma coisa.

Desse modo, concluiu-se que os advérbios de negação, tais como não, nem etc., tradicionalmente condicionados à função de negar, já não exercem sozinhos esse papel, tendo em vista a utilização de um novo rótulo linguístico – o “*quem dera*”.

Portanto, conceber a existência do “*quem dera*” e analisar os seus aspectos é essencial para reafirmar a importância de focalizar a vivacidade das línguas naturais, bem como demonstrar que a intenção dos falantes pode influenciar também no próprio código gramatical. Além disso, ao deter-se a essa expressão, reconhece-se que as interferências dos falantes não só criam outros termos linguísticos (Rosário, 2015), como também reciclam o que já existe na língua (Rios de Oliveira, 2022) e atribuem-lhes novos sentidos.

Assim, essa pesquisa contribui para ampliar o conhecimento linguístico, especialmente em relação ao uso pragmático da língua. Isso porque, a partir de uma visão funcionalista, evidenciou-se uma nova expressão que ainda não havia sido discutida sob esse viés analítico. Ademais, reforça-se a importância de pesquisas futuras que visem ampliar e contribuir para esse estudo, reafirmando que a língua não se esgota na tradição gramatical.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Irna Moraes. **Formas de negação não canônicas nas construções [nem x], [nem em], [nem que] e [nem se]**. Orientador: Robson Borges Rua. 20 f. TCC (trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito; SOUZA, Maria Medianeira de (Orgs). **Morto de inveja: a construção [X de (Adv) Y]**. In: **Pesquisas Funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso: uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha**. Natal/RN: EDUFRN, 2021. p. 196-197.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- DIAS, Joice Martins. **[(Tô) te falando]: uma análise funcionalista do fenômeno de afirmação no português brasileiro**. Orientador: Robson Borges Rua. TCC (trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.
- FERRAREZI JR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GIVÓN, Talmy. **Funcionalism and grammar**. Amsterda: John Benjamins, 1995.
- GONDIM, Emanuela Monteiro. O grau de composicionalidade dos advérbios em *–mente*. **Cadernos De Pós-Graduação Em Letras**, [S. l.], v. 15, n. 1, 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9424>. Acesso em: 20 jun. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem. **Roseta**, v. 3, n. 1, 2020.

PORTO, Editora. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: 2013.

REIS, É. S. B. **Os usos do “mas quando” paraense**. Orientadora: Nilza Barroso Dias. 83 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022.

SILVA, M. F. S. **Análise da expressão “nem fodendo”:** uma perspectiva da linguística funcional centrada no uso. Orientador: Robson Borges Rua. 31 f. TCC (trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.

VAZ, Valteir. **Dossiê: escola de praga**. Revista de Literatura e Cultura Russa, São Paulo, v. 12, 2021.